



O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE A ESCOLA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Autor: Kátia Rosa Azevedo

Coautor: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Eixo: Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais

RESUMO : A escola é um sistema interativo cujo sentido é constituído com base na dimensão simbólica construída por seus atores sociais. Assim, a presente pesquisa fez considerações focalizada na temática escola, considerando a representação social sobre a mesma na perspectiva de um dos seus atores sociais, o professor. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo da qual participaram 8 professoras que lecionam em turmas de 1º ao 5º ano em escolas públicas de Brasília. O instrumento utilizado foi a técnica de grupo focal, sendo seu conteúdo submetido à Análise de Conteúdo. Os resultados apontam que a representação de escola está associada à extensão de lar, mas também a passaporte para um futuro melhor, nesse sentido as professoras se intitulam a própria escola e entendem que decorre de suas capacidades a qualidade da referida instituição.

Palavras- chave: escola, professor, representação social

THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT THE SCHOOL: A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS.

ABSTRACT: The school is an interactive system whose meaning is constituted based on the symbolic dimension of their social actors. Thus, this research has focused on elementary school, considering the social representation of the same from the perspective of their social actors, the teacher. This is an exploratory qualitative study which involved eight teachers who teach in classes from 1st to 5th grade in public schools in Brasilia. The instrument used was the focus group technique, and its contents was subjected to the content analysis according to Bardin. The results suggest the school associated with the home and as a passport to a better future, so the teachers call themselves the school and understand that depend on their ability the quality of the institution.

Keywords: school, teacher, social representation.

Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de conhecer e analisar as representações sociais de professores sobre a escola de ensino fundamental de Brasília. A escola é um artefato cultural que durante muito tempo teve como função a transmissão do saber. Porém, essa perspectiva sofreu, ao longo dos anos, mudanças conceituais no que diz respeito a sua função social, reformulando assim seu sentido. Com a democratização do ensino e a institucionalização do ensino obrigatório público e gratuito, a escola tornou-se responsável pelo pleno desenvolvimento do indivíduo e sua preparação para a cidadania, devendo garantir o acesso e a permanência de diferentes grupos sociais, de diferentes condições sócio-econômicas, respeitando a pluralidade cultural e a diversidade, garantindo que todos participem do processo educacional. (Teles, 2010).

Estamos falando da escola enquanto um sistema social interativo cujo funcionamento é compreendido em referência a um ambiente social mais amplo. Entendemos, portanto, que ela não existe em si, ela se constitui, constitui seu sentido com base na dimensão simbólica construída por seus atores sociais. É nesse contexto que pretendemos analisar a instituição escolar a partir da representação social de um dos seus principais atores, o professor. O estudo das representações sociais no campo da educação tem tido um incremento numérico nos últimos anos, favorecendo assim a possibilidade de ampliarmos nossas reflexões sobre a ação do sujeito que é constituído e constituinte nesse espaço. Vários autores fazem uso da TRS para ampliar as discussões sobre a educação e as relações entre os sujeitos que ocupam esse espaço. Segundo Gilly, (2001) por exemplo, os sistemas de representações são formados por contradições que são articuladas de maneira coerente em torno de esquemas predominantes que dão às representações sociais níveis funcionais de adaptação, em acordo com os níveis de realidade com os quais os sujeitos estão confrontados.

Desta forma, as representações de escola na concepção dos professores do presente estudo devem garantir-lhes a preservação de seu equilíbrio pessoal e a coerência no exercício de suas práticas, de maneira funcional e adaptada. Gilly (2001) garante que o estudo das representações sociais tem grande importância para a esfera educativa uma vez que é instrumento adequado para compreensão do que se dá nas diversas interações da sala de aula,

sendo assim, lançamos algumas questões tentando ampliar o sentido inicial do nosso tema, afinal, o que é escola? será que podemos pensar a escola como única, universal? ou seria mais prudente entendermos sua característica plural e variada com seus inúmeros significados historicamente mutantes e muitas vezes imperceptíveis a uma análise rasa? Em resposta às questões anteriores, encontramos respaldo nas palavras de Eizirik (1999) que nos ensina que pensar a escola é, paradoxalmente, rever a maneira de olhar o mundo, a sociedade e as instituições que a constituem, ao mesmo tempo em que são constituídas.

Compartilhando desta mesma linha de raciocínio, Cerqueira (2006) nos ensina que há uma consciência de que os paradigmas educacionais estão em franco processo de mudança por vivermos numa era em que a informação se processa rapidamente e a comunicação se faz essencial para o entendimento e participação no mundo globalizado. Complementa a referida autora que não se trata de reinventar a roda, trata-se de construir uma nova forma de ver o homem ativo nos processos de aquisição de conhecimentos. Daí o desejo de uma escola que vá além dos sentidos de transmissão de conteúdos e cuide da formação do sujeito no sentido mais amplo, a escola como espaço de humanização.

Eizirik (1999) e Cerqueira (2006) sabiamente nos colocam diante da grande questão sobre instituição escola, qual seja: seu movimento permanente de reconstrução, re-significação que integra o novo ao já possuído e o que virá ao que já existe, enfatizando assim sua característica plural e variada com seus vários significados historicamente mutantes. Sendo assim, refletimos que ser Escola implica manter sua funcionalidade originária, manter-se instituição, contudo, significa reconstruir cotidianamente seu sentido para sociedade na qual se insere. É nesse sentido que pensamos que a Escola pensada pelo grupo de professoras da presente pesquisa é uma entre tantas escolas pensadas e vividas em contextos históricos e sociais específicos. Contudo, toda nova representação de escola se constrói ancorada em antigas representações. Trata-se de uma construção coletiva, bem como individual que não acontece de maneira linear, muito menos a partir do nada. Nesse processo de acomodação do novo, o sujeito faz uso de condicionantes anteriores, mediados pela linguagem e pela cultura. Moscovici (2003).

Os conceitos, concepções e crenças dos professores sobre a escola de ensino fundamental que orientam a prática pedagógica atual podem ser resultantes de representações sociais construídas em um outro contexto histórico que se comunicam e se reconstróem ou se repetem a partir das crenças e valores da atualidade. Tal proposição nos leva a considerar os

possíveis condicionantes anteriores da escola contemporânea. Vale, portanto, considerar as palavras de Louro (1987) que discorre sobre a representação antiga sobre o fazer feminino: segundo o referido autor, havia uma representação que fazia parte de uma sociedade e de uma educação que preparava as meninas para serem prendadas, dóceis e subordinadas, o destino profissional era o de casar e cuidar dos filhos ou, numa extensão desses cuidados maternos, estudarem para tornarem-se professoras primárias, o que hoje equivale a professoras de ensino fundamental.

No que se refere ao nosso estudo, nos questionamos em que medida a representação social da escola atual se ancora nessa perspectiva de professoras primárias enquanto profissão legitimada para mulheres, entretanto, segundo Perez (2003) mudam-se os espelhos, mudam-se as imagens neles refletidas, cada espaço tempo engendra uma diversidade de representações que fabrica outros modos de ser e fazer a profissão.

Historicamente falando, são numerosos os olhares lançados sobre a escola, contudo, reforça Alevato (1999) existe, atualmente, um ponto de coincidência para onde convergem todos os olhares, qual seja, um universo consensual em torno da ideia de qualidade, as pessoas compartilham de uma espécie de “adesão emocional” em prol de uma escola que imprima a marca da qualidade. Com essa demanda por uma escola de qualidade, o professor se encontra diante do novo, diante de uma nova perspectiva acerca do sentido de escola, gerando a elaboração de novas representações, novos sentidos sobre a referida instituição, bem como sobre o seu fazer pedagógico.

Esses sentidos são construídos e reconstruídos cotidianamente, os professores se relacionam, se comunicam, interagem com diferentes pessoas e grupos em diferentes contextos construindo representações sociais sobre a escola e sobre seu fazer pedagógico. Assim, a representação social de escola na perspectiva dos professores é uma forma de conhecimento socialmente construída com o objetivo de formar uma realidade comum ao próprio grupo de professores. E além de ser socialmente construída, ela é impregnada de afetos, uma vez que quando da elaboração de uma representação somos influenciados por representações já existentes e a ação que adotamos é resultado da combinação entre nossos sentimentos e as novas representações. Arruda (2009)

Considerando, portanto, as questões culturais, históricas e sociais bem como os afetos, a emergência de novas representações sociais sobre a escola de ensino fundamental na perspectiva de professores de Brasília se dá na tentativa de transformar o não familiar em familiar, esse processo configura-se pela busca em harmonizar, compreender e encontrar

pistas sobre o que fazer e como agir em relação ao objeto não familiar (Moscovici, 2003). A escola contemporânea constitui-se no não-familiar pela complexidade e novidade em relação aos padrões de educação até então conhecidos pelos professores de ensino fundamental, do que decorre o mecanismo de transformar o não-familiar em familiar, uma mudança que busca manter o equilíbrio entre o novo e o antigo, construindo níveis funcionais de adaptação.

E nessa busca de acomodação entre novo e antigo, outra novidade em relação aos padrões de educação até então conhecido pelos professores de ensino fundamental gerando conflito entre o novo e o antigo é o desdobramento de leis que disseminam o respeito à diversidade no ambiente escolar. Nos contextos educacionais há, costumeiramente, grande relutância para lidar com o imprevisível, aquilo que não pode ser completamente planejado, dessa forma, a perspectiva da inclusão de alunos com deficiência é novidade e apresenta-se como não familiar. O fato é que a inclusão tem ocupado lugar de destaque e se difundido em diversas esferas da sociedade, gerando, no grupo de professores, novas maneiras de olhar e agir no ambiente escolar. Forest e Pearpoint (1997) ressaltam que a inclusão pode ser um processo profundamente perturbador, pois desafia nossas ações, raramente refletidas, do que significa normal e comum e pode suscitar questões muito pessoais. Trata-se de uma concepção que está intimamente ligada a como lidamos com a diferença.

Nesse sentido, Tunes e Bartolo (2006) consideram que mesmo que as pesquisas apresentem novas discussões sobre o desenvolvimento das pessoas com deficiência, no imaginário social e individual tendem a predominar as ideias que antes foram construídas sobre essas pessoas, são ideias alicerçadas sobre a herança de teorias que tinham o deficiente como incapaz de desenvolver qualquer atividade que fosse socialmente valorizada. Entendemos que a disseminação das representações sociais de escola na perspectiva das professoras do presente estudo, se dá dentro desse universo de contradições por meio da linguagem e modifica-se com o passar do tempo, transmitindo para além do universo onde foi construída, uma nova cultura.

Mecanismos e Funções das Representações Sociais de Escola

Ao abordar a gênese das representações sociais, Moscovici (1978) cria um modelo alicerçado em dois processos: objetivação e ancoragem, segundo o referido autor são duas faces ligadas uma a outra como os dois lados de uma folha de papel: face figurativa e face simbólica, entende-se daí que a cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura. A objetivação e a ancoragem são mecanismos para a formação e manutenção das representações sociais, as quais engendram um tipo especial de realidade, e constituem um

meio pelo qual as relações de poder e as regulações sociais são percebidas, mantidas e modificadas. Esse meio é de importância fundamental na dinâmica das relações sociais e, segundo Abric (1994), responde a quatro funções: compreensão da realidade, definição de uma identidade social; guia para ação em comportamentos e práticas e avaliação da ação.

Transpondo para o nosso estudo, as palavras de Abric são entendidas da seguinte maneira: o professor constrói uma representação dessa escola cheia de contradições com objetivo de compreendê-la, familiarizar-se com o que há de novidade nela tentando acomodar (ancorar) com o que já existia e assim poder orientar, guiar suas práticas pedagógicas de forma a manter sua identidade docente ajustada às normas de seu grupo dentro do atual contexto histórico, nesse acordo linguístico e simbólico (objetivação), produz-se justificativas por exemplo para as práticas e formas de pensar o objeto, no caso, a escola de ensino fundamental, facilitando a comunicação entre o grupo. Nesse sentido, as representações sociais sobre escola é uma forma dos professores interpretá-la e com isso promover relações e orientar seus comportamentos. Essas representações devem ser estudadas pela articulação de elementos afetivos, mentais e sociais, interagindo ao lado da cognição, da linguagem (Jodelet, 2001, p.26).

Nessa perspectiva, de acordo com Jodelet (2001), as representações estão ligadas tanto a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, quanto à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos.” O que nos permite entender que as representações sociais dos professores do presente estudo, sobre a escola sofre influência de fatores multifacetados, desde aqueles ideológicos àqueles relacionados à sua formação profissional ou à docência singularmente experimentada.

Metologia

A presente pesquisa buscou analisar os significados atribuídos pelos professores à escola de 1º ao 5º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino de Brasília. Para abordarmos o sentido de escola, uma temática tão complexa, decidimos por um estudo de caráter exploratório e adotamos a metodologia qualitativa uma vez que ela valoriza a busca do significado e da interpretação, visando gerar conhecimentos aplicados a um contexto particular. A pesquisa qualitativa favorece ainda, a consciência da impossibilidade de existência de uma causa única para qualquer fenômeno, o que nos possibilitou realizar ricas

reflexões acerca do olhar docente sobre a escola de ensino fundamental sem com isso pretender colocar um marco definitivo no trânsito sobre a questão.

Sendo assim, fizemos uso da técnica de colagem no grupo focal. Escolhemos o grupo focal por ser uma técnica que privilegia a rede de interações como elemento básico para o processo investigativo. O grupo focal é uma abordagem teórico-prática e tem por objetivo captar a partir das trocas que acontecem no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações. (Gatti, 2005).

O grupo teve um caráter interativo onde os educadores foram convidados a se colocarem quando quisessem a partir do mote inicial, qual seja, solicitamos que cada professora elaborasse um cartaz (colagem) com figuras e/ou palavras que simbolizassem para elas o que é escola em suas respectivas concepções. O grupo foi fechado e heterogêneo no que diz respeito à experiência docente e ao olhar sobre o tema, mas homogêneo quanto à profissão e área de atuação (professoras da rede pública de 1º ao 5º ano). A partir do material elaborado por elas, cada uma pode expressar livremente suas construções sobre o que é escola, assim o grupo elegeu alguns pontos norteadores da discussão sobre o que é escola, quais sejam: 1.Percepção das professoras sobre a participação da família na escola; 2.Percepção das professoras sobre diversidade na escola, 3.Importância do acesso à escola, 4.Relação do perfil de docente com a escola de qualidade

Participaram do grupo focal 8 professoras de 1º ao 5º ano, todas do sexo feminino, a idade média é de 46 anos e tempo médio de docência de 23 anos. 5 entre as 8 professoras têm especialização como grau de escolaridade, 1 professora tem nível de graduação como grau de escolarização e 1 professora tem o ensino médio (curso Normal) como grau de escolaridade. 6 professoras são graduadas em pedagogia, 1 é graduada em letras. O grupo aconteceu em um único encontro que durou aproximadamente 2h30min. O grupo contou com um moderador e um observador que trabalharam no sentido de criar condições para que os participantes explicitassem seus pontos de vista, suas análises e interagissem entre si. O material obtido a partir do grupo focal foi analisado com auxílio do aporte teórico oferecido por Bardin (2002). A análise de conteúdo da qual nos utilizamos aqui é entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações e para tanto faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.(Bardin, 2002).

Discussão dos Resultados

É válido mencionar que o grupo de professores foi composto exclusivamente por mulheres, sendo que esse não foi um critério de escolha dos pesquisadores, mas uma consequência do número significativamente maior de professoras em relação a professores nas escolas onde o convite para a participação no grupo foi feito. Para ajudar a entender a rede de significações em torno desse objeto passamos ao quadro abaixo com a categoria que trata da participação da família na escola como fator determinante para a escola de qualidade segundo as professoras do presente estudo.

Categoria 1: Percepção das professoras sobre a participação da família na escola

Classes	Nº
<p>A escola enquanto substituto da família não funciona</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ O professor assume a demanda imposta pela família abre mão de seu papel de educador ✓ Nós professores nos perdemos no processo, nos fundimos com as famílias. ✓ Há uma crise de identidade da escola ✓ A escola é a extensão da família ✓ Nós somos a família do aluno ✓ Há famílias que largam a criança lá e esperam que a escola dê o apoio ✓ Há pais que não entendem o sentido de escola, ficam distantes ✓ A família, base da sociedade, tem feito falta nas escolas 	8
<p>A família enquanto coadjuvante da escola faz a escola de qualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A família deve estar integrada com a escola se você quer qualidade ✓ A família é muito importante para a escola de qualidade ✓ A escola precisa lidar com as diversidades de famílias no ambiente escolar ✓ Para escola funcionar descentemente precisa trazer a família para escola ✓ Tem que envolver a família, ela precisa sentir que a escola ama a criança. 	5

Se apresenta com maior frequência (7) as respostas que entendem que há uma demanda dos pais para que a escola se constitua como substituta da família. O que na opinião das professoras contribui para construção de uma escola inoperante. Em oposição a essa solicitação das famílias, as professoras indicam em suas respostas, ter consciência da importância da participação das famílias enquanto coadjuvante da escola: “A família deve estar integrada com a escola” “Para escola funcionar descentemente precisa trazer a família para escola”, Entretanto, relatam de maneira conflituosa que “ O professor além de assumir a demanda que lhe é imposta pela família também abre mão do seu papel real de educador”, “Nós professores nos perdemos no processo, nos fundimos com as famílias, há uma crise de

identidade da escola”. Mesmo discordando dessa atribuição de escola enquanto substituta, as professoras falam de uma possível aceitação do papel.

Nesse contexto, a escola é representada como extensão do lar que se aproxima da ideia de substituta ou complementar da função parental. Ser a extensão de família, ou extensão do lar é de alguma forma guardar estreita relação com a premunção do anteriormente analisado sobre a naturalização dos papéis femininos onde as meninas teriam como destino profissional numa extensão dos cuidados maternos, estudarem para tornarem-se professoras primárias. “A escola é a extensão da família” “Nós somos a família do aluno”.

À medida que o magistério de 1º ao 5º ano se traduz como uma carreira predominantemente feminina, essa representação de uma escola doméstica, tende a orientar o fazer pedagógico pelo amor pelas crianças, uma vez que é dom natural e missão de mulher. Assim, aproxima o magistério feminino à ideia de mães intelectuais, professora-mãe, vocação, daí a atribuição de um conteúdo sexista à profissão docente. (Pérez, 2003). Entretanto, Mazzotti (2002), nos lembra que em sua produção representativa, não há reprodução pacífica de um determinado objeto, ele (a escola de 1º ao 5ºano), de alguma forma, será reconstruída na mesma medida que se reconstrói o próprio indivíduo (professor) nessa relação. Cabe aqui lembrar dos elementos periféricos que atuam como pára-choques mantendo o núcleo central protegido, mas recebendo trocas que podem vir a transformar-se no Núcleo Central. De tal premissa podemos compreender que diferentes momentos históricos produzem diferentes representações. Nesse sentido, sabemos que ao longo da história, o papel social da mulher vem sofrendo alterações que respingam na construção da identidade profissional da professora. Daí o conflito revelado nas falas das professoras em relação a aceitação desse lugar de substituto de família.

Assim, entendemos que a imagem antiga de meiga professorinha é substituída pela imagem de educadora afetiva e consciente de sua responsabilidade pelo desenvolvimento das potencialidades intelectuais da criança, educadora que com um maior grau de qualificação torna-se a especialista responsável pela organização do processo pedagógico. Assim, essa representação de escola objetivada na figura de extensão de lar refletem imagens ainda difusas e contraditórias. Revelando que ainda “ há uma crise de identidade da escola”. De 1º ao 5º ano. Outro elemento da escola de qualidade destacado no grupo focal foi a questão da diversidade na escola. Na tabela a seguir descrevemos a percepção das professoras sobre diversidade na escola.

Categoria 2: Percepção das professoras sobre diversidade na escola

Classes	Nº
A diversidade acrescenta <ul style="list-style-type: none"> ✓ A escola é um espaço de diferenças que precisa ser valorizado ✓ A escola tem que ser um espaço de diversidade de cor, raça, família, credo, sexo e escolhas ✓ Os professores precisam pensar nas diferenças ✓ A escola também deve saber entender a diversidade de famílias ✓ O professor precisa mapear a criança e saber onde ela está situada, atende-la na diferença 	5
A diversidade é um fardo <ul style="list-style-type: none"> ✓ Não tem espaço prá cadeirante, a escola está despreparada para inclusão ✓ Encarar uma turma com 37 alunos e 2 DM mais 1 TDH , não é fácil não. ✓ Aí tem a inclusão: gente que fala diferente, que não fala, que age diferente, que tem comportamento diferente, que aprende diferente e o professor está sozinho nessa ✓ O T.C entra na sala e deixa o professor doido. 	4

Um número maior de respostas ressaltam a diversidade como ponto favorável na construção de uma escola de qualidade, há, entretanto algumas falas que remetem à diversidade como um fardo, o que nos coloca diante de representações positivas e negativas sobre escola inclusiva. O não consenso na representação de escola inclusiva nos leva a pensar que diante da atual realidade em que as feições da escola deve se modificar para acolher o paradigma inclusivista, o professor também vive uma transição e é convidado a adquirir novas habilidades para trabalhar, bem como novas formas de olhar a realidade escolar e entende-la a partir dos seus sistemas de valor e de seu conhecimento prévio sobre o tema, o que se traduzirá em diferentes representações de escola inclusiva.

Em relação ao nosso estudo, por exemplo, verifica-se diferentes representações, o que nos leva a pensar que as representações sociais da escola inclusiva estão associadas a diferentes conhecimentos e vivências anteriores sobre a temática da inclusão. Implica, portanto refletirmos se a formação inicial e continuada das professoras enquanto conhecimento prévio interfere nas representações e consequentes práticas acerca da inclusão.

Sendo assim, essa diferença no modo de representar a escola inclusiva nos ensina sobre como a RS têm um funcionamento vivo, dinâmico não sendo possível, portanto, uma representação única sobre o tema escola inclusiva, mesmo entre indivíduos de um grupo profissional a princípio semelhante, entretanto com sistemas de valores e conhecimentos prévios diferentes. E mesmo existindo representações sociais alicerçadas em discursos que reforçam a ideia de impossibilidade de uma escola inclusiva, por outro lado, o caráter dinâmico das representações sociais permite que novas representações se construam ao redor desse mesmo tema. Essa mudança pode ser fruto de novas pesquisas e consequentes propagações de informações acerca do desenvolvimento e potencialidades de alunos com deficiência, bem como de momentos de discussões como esse do grupo focal que pela heterogeneidade na forma de representar a escola inclusiva, pode iniciar uma propagação positiva sobre a mesma. No próximo quadro estão as respostas sobre a importância do acesso à escola.

Categoria 3: Importância do acesso à escola

Classes	Nº
aquisição social ✓ A escola é um espaço de compartilhar experiências ✓ Se aprende na escola, mesmo fora da sala de aula ✓ A escola é o primeiro passo para a inserção da criança na sociedade ✓ A escola é a escada alta para construção das oportunidades na vida ✓ Escola é um caminho prá recomeçar ✓ Escola consegue transformar	4
aquisição cognitiva ✓ Lugar onde se adquire conhecimento que muda comportamento ✓ Gera expectativa positiva com relação ao futuro ✓ A escola gera progresso e novas tecnologias ✓ A escola cria os inventores, dá origem às grandes descobertas ✓ A escola é um espaço de desafios e descobertas. ✓ É um espaço de desenvolvimento cognitivo e motor ✓ A escola é um espaço de ciência, de construção da informação	4

Essa categoria representa a escola como um espaço repleto de significados. Depositam-se na escola expectativas variadas e constrói-se um ideal de escola enquanto peça fundamental para desenvolvimento social e cognitivo. Na fala das professoras, observa-se a expectativa de que a escola seja: “o caminho prá recomeçar”, “oportunidades na vida”, “transformar”, “futuro positivo”, “lugar de mudar comportamento”, inserção na sociedade”. A escola representada pelas professoras é a escola de qualidade, essa escola de qualidade está

também ligada ao professor de qualidade conforme apontam as repostas dispostas no quadro abaixo

Categoria 4 : Relação do perfil de docente com a escola de qualidade

✓ Respostas	Nº
<p>Uma escola de qualidade tem o professor com propensão natural para o sacrifício</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ O professor faz das tripas coração prá dar conta do recado ✓ Já era para eu ter aposentado, mas continuo porque amo faço a diferença ✓ Os professores são preparadíssimos, mas são massacrados pelo sistema ✓ Se não tiver amor, o professor não consegue encarar. ✓ O professor dá a vida ✓ O professor é um mágico, faz coisa que ninguém acredita ✓ Desvalorizaram a profissão quando disseram que todo mundo pode ser professor, não é bem assim, precisa ter muito fôlego. ✓ Se você não nasceu prá isso, não tiver carinho e amor, a escola não vai prá frente ✓ A escola é uma escolha, se não está satisfeito, se não tem amor pelo que faz, melhor vender cocada. 	9
<p>Uma escola de qualidade é feita com professores que investem no seu aprendizado</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A escola tem que ser desafiadora para o professor, desafio profissional ✓ Muita coisa pode acontecer numa escola dependendo só da capacidade dos profissionais que lá estão ✓ Aulas são dadas por professores que constroem o conhecimento e que estudou prá isso ✓ Gostaria que a escola fosse um espaço onde o professor pudesse realmente estudar, pesquisar. 	4

Assim, a escola de qualidade passa pelo professor de qualidade. Entretanto, há uma divisão no quesito professor de qualidade. Há um grupo que manifesta a crença de que o professor de qualidade é aquele com propensões naturais para o sacrifício e há o grupo que defende a qualidade garantida pelo investimento de ordem científico e cultural. As professoras aproximam a escola de qualidade ao desenvolvimento da docência com amor bem como ao sacrifício e ainda assim há realizações por parte das mesmas (propensão natural para

o sacrifício) dizem que: O professor faz das tripas coração prá dar conta do recado, prá escola dar certo; Se não tiver amor, o professor não consegue encarar, o professor dá a vida; Se você não nasceu prá isso, não tiver carinho, e amor, a escola não vai prá frente; A escola é uma escolha, se não está satisfeito, se não tem amor pelo que faz, melhor vender cocada.

Noutras falas a escola de qualidade está associada ao investimento do profissional de educação sob o ponto de vista intelectual. Dizem elas: Muita coisa pode acontecer numa escola dependendo só da capacidade dos profissionais que lá estão.

Algumas Considerações Finais

Sabemos que a construção de uma conclusão é comum a muitos escritos, contudo, no presente estudo não temos a pretensão de colocar um marco definitivo no trânsito sobre as representações sociais da escola, ao contrário, revendo o que foi escrito é possível entender que há ainda várias lacunas e conflitos de ideias que devem ser posteriormente explorados, esse estudo, entretanto, pretende ser uma pequena contribuição para área das representações sociais sobre escola, ressaltando o sentido processual e histórico das representações sociais.

Dessa forma, em relação à representação social da escola pública de 1º ao 5º ano na perspectiva das professoras do presente estudo existe uma objetivação, uma transposição do conceito dessa escola para a imagem de “extensão de lar” que guarda estreita relação com a figura feminina como face educadora. Essa objetivação está ancorada em condicionantes anteriores, a escola “primária”, que era entendida como trabalho próprio de mulheres, uma extensão dos cuidados com os filhos, reforçando assim tendências femininas naturais à profissão, atribuindo um conteúdo sexista à profissão docente. Por outro lado, a representação das professoras sobre escola está também ligada à ideia do indispensável, naturalmente boa e passaporte para um futuro melhor, associando-a a ideia de escola de qualidade. Nessa perspectiva, as professoras entendem que a escola de qualidade se traduz no professor de qualidade pela propensão natural para o sacrifício ou pelo investimento científico e cultural. O presente estudo nos leva a crer que a representação social sobre escola, na perspectiva do grupo de professoras estudado é permeada por uma ideologia dominante que entende a escola como detentora do saber científico, naturalmente boa, passaporte para o futuro melhor, as professoras compartilham de uma ideia em prol de uma escola que imprima a marca da qualidade.

Ao representarem a escola de qualidade como sendo passaporte para um futuro melhor, as professoras se intitulam a própria escola quando entendem que decorre de suas capacidades a qualidade da referida instituição, nesse sentido avaliamos o quão complexa é a representação de escola quando o professor é a própria escola com seus sabores e dissabores.

Outro aspecto dessa mesma perspectiva é que a escola em nenhum momento foi citada pelo grupo de professoras como sendo o seu local de trabalho, revelando possivelmente a força do sentido de escola como extensão de lar em oposição a lugar de trabalho, orientando, assim a prática docente para um fazer maternal. Tal panorama ainda se aproxima do modelo de escola que sustenta as estruturas capitalistas, mesmo assim, ousamos afirmar que é trabalhando e aprofundando tais contradições que podemos criar e aumentar gradativamente novos espaços de reflexão sobre as questões vivenciadas na escola contemporânea, gerando assim novos espaços de sensibilização acerca do tema e consequentemente a construção da sonhada escola de qualidade.

Referências Bibliográficas

ABRIC, J.C. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A.S. E OLIVEIRA, D.C (Orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora. 1998

ALEVATO, H,M,R. (1999). Qualidade: Um Mito Pós-Moderno. In: Rangel Mary (Org.) **Representação Social e Educação**. São Paulo: Papyrus

ARRUDA, Ângela. Subjetividade, Mudanças e Representações Sociais. In: FURTADO, Odair e GONZÁLEZ. Rey (Orgs.) **Por Uma Epistemologia da Subjetividade: Um Debate Entre a Teoria Sócio-Histórica e a Teoria Das Representações Sociais**. . São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008

BARDIN, L. (2002). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. (2006) O professor em Sala de Aula: Reflexão sobre os Estilos de Aprendizagem e a Escuta Sensível. *Psic* [online]. vol.7, n.1, pp. 29-38. ISSN 1676-7314.

EIZIRIK, M.F. (Re) Pensando a Representação de Escola: Um olhar Epistemológico. (1999).
In: Rangel Mary (Org.) **Representação Social e Educação**. S.P: Papirus.

FOREST, M.; PEARPOINT. Inclusão: um panorama maior. In: MANTOAN, M.T.E. (org.) -
A integração de pessoas com deficiências: contribuições para uma reflexão sobre o tema.
São Paulo, Memnon.1997

GATTI, B.A. Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Liber Livro. Brasília-D.F. Vol. 10. Série Pesquisa. 2005

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj. 2001

LOURO, G.L. Prendas e Antiprendas: Uma Escola de Mulheres. Ed. Porto Alegre:UFRS. 1987

MAZZOTTI, A.J.A. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: Psicologia da Educação, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação Puc- S.P. N° 14/15, ISSN:14146975. 2002

MOSCOVICI, S. A. (2003). Representações Sociais. Petrópolis: Vozes. 2003.

PÉREZ, V.L.C. (2003) Professoras Alfabetizadoras, Histórias Plurais, Práticas Singulares. R.J. 2003. DPe A editora.

TELES, Martins Stela. O professor no processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual: um estudo sobre os significados construídos no fazer pedagógico. Brasília, 2010, 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília.

Autora: Kátia Rosa Azevedo, Psicóloga, Especialista em Terapia Familiar, Professora e Mestranda em Educação, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação da UnB . (GRUPPE). E-mail: kati.rosa@yahoo.com.br.

Coautora: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, Psicóloga, Professora da UnB, Pós-doutorado em Educação, fundadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação da UnB (GRUPPE). E-mail: teresacristina@unb.br